

Credor exige acordo com o FMI

Nova Iorque (Roberto Garcia) — Um integrante da comissão bancária que conduz a renegociação da dívida brasileira, que não se identificou, resumiu a posição de uma boa parte dos banqueiros diante do país: "Por que assinar acordo a longo prazo agora, se o Brasil ainda está folgado, pagando juros e com perspectivas róseas?"

Ele raciocina que, se fechar em acordo a longo prazo agora, sem exigir entendimento formal com o FMI, os bancos não terão instrumento de pressão para induzir o governo brasileiro a se submeter ao Fundo se a situação piorar, daqui a três ou seis meses. Assessores econômicos dos bancos acham que o pacote anunciado em dezembro não produzirá sequer a metade de seus objetivos e, na ausência de medidas mais austeras, temem que no fim do primeiro trimestre a inflação começará a disparar, podendo explodir no meio deste ano.

O próprio diálogo que Funaro vem mantendo

com Larosière é questionado por alguns credores do Brasil, para quem ele não vem produzindo resultados satisfatórios. "O ministro da Fazenda convidou Larosière para almoçar em meados de dezembro, conversou com ele por quatro horas e achou que o FMI ficaria feliz com isso. O Fundo é uma instituição austera, com normas severas, e não se contenta com esse tipo de diplomacia gastronômica", afirmou o vice-presidente de um banco europeu membro do comitê dos credores.

Entretanto, os especialistas dos bancos não descartam uma atitude de otimismo a longo prazo, quando fazem considerações de caráter político. "Como Sarney não poderá enfrentar eleições sem controlar a inflação, os próprios eventos forçarão o governo a se disciplinar. Para nós, é melhor que a realidade brasileira force o governo a adotar medidas de contenção. Não queremos que a população nos responsabilize por essas medidas", resumiu um desses especialistas.